



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

O Tempo e a Eternidade em Santo Agostinho¹

Prof. Dr. Roberto Amaral / Camila Cristina de Souza / Crislene Silva Pereira
Professor Adjunto I e Diretor da Faculdade Interdisciplinar
em Humanidades – FIH – UFVJM - Diamantina – Minas Gerais – Brasil
E-mail: penedo.amaral@gmail.com

– Bacharel em Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – FIH –
UFVJM - Diamantina – Minas Gerais – Brasil
E-mail: camilasouza47@yahoo.com.br

- Bacharel em Humanidades da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades – FIH –
UFVJM - Diamantina – Minas Gerais – Brasil
E-mail: crisdtna@gmail.com

Resumo: Este presente artigo tem como principal objetivo, ressaltar a importância da vida, obra e filosofia de Santo Agostinho, ultrapassando todos os limites de épocas e influenciando os dias atuais. Suas obras e sua filosofia são fundamentadas na fé e na razão. No Livro XI de *Confissões*, uma de suas principais obras, Agostinho discute a questão do Tempo e da Eternidade e afirma que, a questão da temporalidade está totalmente ligada ao homem, ele nos direciona a refletir sobre o que é o tempo. O medimos a todo o momento, convivemos com ele a cada instante e ainda assim o desconhecemos. Agostinho explica a questão da temporalidade utilizando-se da tríade, memória, intenção e espera, sendo, Passado, Presente e Futuro modulações de um único tempo. O tempo só é tempo porque o medimos, caso contrário seria a eternidade, e esta, só pertence a Aquele que é eterno, Deus, o único uni presente.

Palavras-chave: Santo Agostinho. Confissões. Tempo. Eternidade. Deus.

¹ Artigo apresentado para Defesa de Trabalho de Conclusão de Curso – TCC do Curso Bacharelado em Humanidades, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Antônio Penedo do Amaral.

Introdução

Agostinho se destaca como o principal bispo e filósofo da Patrística, sua filosofia é de grande relevância, pois exerce forte influência na vida contemporânea. Suas obras ultrapassam todas as fronteiras existentes, exercendo papel fundamental na filosofia cristã, em que tem Deus como centro de todos os acontecimentos.

Os pensamentos agostinianos encontram-se descritos e reafirmados no livro *Confissões*, sua obra mais significativa, na qual declara todo o seu respeito, amor e admiração ao Soberano, fonte única de toda Verdade. A filosofia de Agostinho instiga a busca interior, um pertencimento literário, pois ao ler sua obra, é impossível não pensar na própria existência humana, nos acontecimentos vivenciados no cotidiano e na grandeza das coisas divinas.

No livro XI de *Confissões*, Agostinho faz uma análise filosófica sobre a essência do tempo, ele parte do princípio de que Deus é o criador do céu e da terra e de tudo que nela é inserido. O tempo é visto por Agostinho, como a distensão da alma humana, sendo esta, capaz de voltar-se ao passado, intencionar no presente e se projetar a um futuro que ainda não existe.

O Presente é um contínuo deixar de ser, nunca é estabilizado, a cada instante ele se vai, em contrapartida, a eternidade é um único presente, é imutável, ela não se vai, permanece, e só pertence ao criador de todas as coisas.

É perceptível a forte ligação existente entre a alma humana e a memória, é a memória que faz existir um passado no presente, e os vestígios de tal passado, encontram-se impregnados na alma, sendo esta, capaz de revelar os mistérios mais profundos de qualquer indivíduo.

1. Santo Agostinho: vida e obra

Em Tagaste, no dia 13 de Novembro de 354, nasce Aurelius Augustinus, Santo Agostinho, filho de mãe cristã e pai pagão. Em Tagaste, realizou os anos iniciais de estudos, e, logo depois, foi para Cartago, em busca de formação superior. A língua grega não apeteceu a Agostinho, em razão disso, não era considerado um

bom aluno, pois tinha preferência pela língua materna. Nesse sentido, a formação de Agostinho se deu totalmente em língua latina, tendo como base os autores latinos.

Para se conhecer Santo Agostinho e suas obras é necessário conhecer também as influências a que foi submetido. É importante ressaltar que, o ambiente, o Estado, a Família, a cultura e tradições exercem papel fundamental na formação de qualquer cidadão.

Agostinho viveu em uma época em que o Império Romano dominava e ditava as regras, os costumes e tradições, bem como a língua. Nessa época o Latim era a língua oficial, imposta pelo Estado e amplamente difundida, tornando-se a língua oficial da Igreja católica. A diversidade de religiões reinava, existindo assim, inúmeros segmentos religiosos. O império passava por crises econômicas, políticas e sociais, momento esse em que a Igreja obteve o papel fundamental de direcionar o homem e a sociedade.

O ambiente familiar é de suma importância para a formação intelectual e psicológica do indivíduo, na qual os pais atuam diretamente. Santo Agostinho vivia em um lar, onde era altamente influenciado por seus pais, principalmente por sua mãe Mônica, pois esta exercia papel fundamental na sua formação.

Mônica era cristã e mantinha uma vida trilhada nos caminhos da fé, acreditava fielmente em Cristo. Já Agostinho e seu pai, eram pagãos, motivo este, que deixava sua mãe angustiada. No entanto, ela tentava convencê-los a buscar a verdadeira fé e a respectiva conversão. Tentou impedir a ida de Agostinho para Roma e a sua adesão ao maniqueísmo, mas foi em vão.

Hortensius, um diálogo do clássico Cícero, deixou Agostinho encantado, fazendo com que despertasse para a filosofia, tomando-a como modelo de referência essencial em sua vida, e recusando-se a ler a Bíblia, Escritura essa, que, segundo ele, não era digna de um homem sábio e culto. Apesar disso, a Bíblia sagrada era constantemente oferecida a ele por sua mãe.

O referido diálogo defendia a filosofia como arte de viver que traria a felicidade. Após a leitura, Agostinho foi tocado profundamente, surgindo assim, mudanças significativas em sua identidade, como descreve na obra *Confissões*,

Ele mudou o alvo das minhas afeições e encaminhou para Vós, Senhor, as minhas preces, transformando as minhas aspirações e desejos. Imediatamente se tornaram vis, a meus olhos, as vãs esperanças. Já

ambicionava, com incrível ardor do coração, a Sabedoria imortal. Principiava a levantar-me para voltar para Vós. (AGOSTINHO, 1999, p. 83).

Agostinho era fortemente excitado pelas palavras, que o instigavam aos sentimentos de amor, conquista, busca, dentre outras motivações. Mas Agostinho viu-se frustrado, pois no escrito de Cícero, ele não encontrou o nome de Cristo, que exercera grande influência em sua vida, como mostram as palavras de incentivo pronunciadas por sua mãe durante sua vida:

Uma só coisa me magoava no meio de tão grande ardor: não encontrar aí o nome de Cristo. Porque este nome, segundo disposição da vossa misericórdia, Senhor, este nome do meu Salvador e Filho vosso, bebera-o com o leite materno o meu terno coração, e dele conservava o mais alto apreço. Tudo aquilo de que estivesse ausente este nome, ainda que fosse duma obra literária burilada e verídica, nunca me arrebatava totalmente (AGOSTINHO, 1999, p. 84).

Em Tagaste, aos 19 anos, Agostinho começa a exercer o magistério, mudando-se logo depois para Cartago, onde atuou como professor de retórica, sendo considerado um ótimo professor e reconhecido filosoficamente. No entanto, Agostinho, ansiava por reconhecimento, e, possuindo diversos alunos indisciplinados, decide, então, mudar-se para Roma, considerado um grande centro intelectual em sua época. Porém, não ficou em Roma por muito tempo, pois logo se transferiu para Milão, onde ministrou e se dedicou à retórica, técnica da oratória, do falar bem.

Após o encontro com o diálogo de Cícero, Agostinho ainda ansiava e buscava a verdade e as respostas para os seus questionamentos, trilhando diversos caminhos e conhecimentos. Viu-se seduzido pelo maniqueísmo que por algum tempo, foi a filosofia e a referência em que acreditava, exercendo forte influência durante boa parte da sua vida pessoal e intelectual.

Essa doutrina tinha por fundamento a divisão do mundo entre bem e mal, apresentando as formas como o bem purifica o mal, porém, tal pensamento correspondeu aos anseios e questionamentos, que Agostinho tanto buscava, somente por um determinado período.

A decisão de afastar-se do maniqueísmo surgiu a partir de um encontro fundamental com o Bispo maniqueu, chamado Fausto, homem considerado grande mestre e sábio dentro da doutrina, mas que não conseguiu responder aos questionamentos de Agostinho. Do maniqueísmo, Agostinho guardou consigo o

materialismo, segundo ele, a única maneira de se entender a realidade e, o *dualismo*, capaz de explicar os conflitos existentes entre o bem e o mal. Nesse encontro, Agostinho descobriu que, o maniqueísmo não respondia às suas dúvidas e anseios, era uma doutrina infundada, e cheia de inverdades:

Havia na sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas do vosso nome, do de Nosso Senhor Jesus Cristo e do Paráclito consolador, o Espírito Santo. Jamais esses nomes se lhes retiravam dos lábios, mas eram apenas sons e estrépito da língua. O seu coração estava vazio de sinceridade. Diziam: “Verdade e mais verdade!” Incessantemente me falavam dela, mas não existia neles! (AGOSTINHO, 1999, P.85).

Após afastar-se do maniqueísmo, Agostinho viu-se tentado a conhecer a filosofia cética, doutrina que pregava a desconfiança e dúvida com relação a todas as coisas, por julgar que os homens não possuem conhecimentos certos sobre nada. No entanto, desviou-se rapidamente deste segmento, uma vez que, em seus escritos também não continham o nome de Cristo. A obra Neoplatônica fez com que ele descobrisse a não realidade do mal e realidade do imaterial.

Em Agosto de 386, após passar por diversos acontecimentos, conhecimentos e provações, angustiado no jardim de sua residência, em busca de respostas, para dar sentido à vida, eis que Agostinho ouve uma voz de criança a cantar, “*Tolle et lege*”, “*Tolle et lege*”, expressão em latim que significa “toma e lê”. No entanto, Agostinho não viu quem a pronunciava. Contendo sua emoção, viu à sua frente um livro, e ao abri-lo deparou-se com a mensagem que dizia:

Não caminheis em glotonarias e em embriaguez, não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contentas e emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos (AGOSTINHO, 1999, p. 5).

Ao ler tal escrito, Agostinho é tomado por um sentimento de luz. Naquele momento cessaram todas as dúvidas que o intrigavam, iniciando-se nele o processo de conversão, com a certeza de que é em Cristo que se encontra a verdadeira felicidade.

Após a conversão à fé católica, na leitura dos escritos de Paulo de Tarso, Agostinho alegrou-se sobremaneira, e passou a conhecer o grande valor das Sagradas Escrituras, teve a certeza de que o cristianismo era a verdade que tanto

buscara. Nelas encontrara as repostas para os questionamentos e mistérios acerca da vida, de maneira clara e objetiva, estimulando a Verdade e a cura da alma, por que tanto ansiava. Mergulhou, então, naquela fé que há muito sua mãe o incentivara, deixando-a, portanto, realizada, exultando e bendizendo ao Senhor, após ouvir do filho o relato de sua transformação.

Em Milão, ao tornar-se professor de retórica, conheceu o Bispo Ambrósio, homem piedoso e cheio de grandes qualidades, servia ao povo, era um homem de Deus e possuía um belo discurso, ensinava com segurança os caminhos para a salvação. Agostinho ouvia a sua pregação arduamente, e em seu espírito infiltravam-se os ensinamentos da fé católica, os quais havia tido incentivo no ambiente familiar. O Bispo Ambrósio, teve papel fundamental na vida de Agostinho, pois, segundo ele, este o arrancou do erro e o fez descobrir a Verdade, convertendo-se ao cristianismo, acontecimento que sua mãe tanto ansiava e suplicava todos os dias:

Assim me convertia, ó meu Deus, confundindo-me e alegrando-me por a única Igreja verdadeira – corpo do vosso filho único, onde criancinha, me ensinaram o nome de Cristo – não gostar de bagatelas infantis. Rejubilava por não existir entre sua doutrina tão sã o erro de Vos circunscrever, ó Criador de tudo, sob a figura dos membros humanos, a um espaço, que, apesar de sumo e amplo, seria, contudo limitado. (AGOSTINHO, 1999, P.150).

Após receber os conhecimentos da fé cristã, em 387, eis que Agostinho é batizado, recebe o primeiro e o mais importante sacramento, sendo assim, abandona todas as preocupações do passado vivenciado, fazendo com que sua mãe se sentisse totalmente realizada, pois atingira o objetivo que tanto ansiava. Mas, no outono desse ano, na cidade Óstia, Mônica veio a falecer, deixando Agostinho desolado. No mesmo ano, volta a Tagaste, onde vende as propriedades paternas e organiza uma sociedade religiosa, fundamentada na fé cristã.

No ano 391, na igreja de Hipona, o bispo Valério propôs aos fiéis, a escolha de um sacerdote. Sendo Agostinho aclamado e eleito pelo povo, a princípio ficou receoso, mas logo atendeu ao chamado, acreditando ser uma vocação divina, na qual permaneceria por muitos anos, ministrando tarefas administrativas, filosóficas, sacramentos e todos os ofícios religiosos.

Em 395, é ordenado bispo auxiliar, e só em 396, com a morte do bispo Ambrósio, assume o posto de bispo episcopal da cidade de Hipona e empenha-se

na formação teológica, dedicando-se inteiramente à igreja e ao povo cristão. Nesse contexto, se travavam grandes lutas entre doutrinas contrárias aos ensinamentos e fundamentos da igreja. Agostinho passa a escrever, então, suas obras mais importantes e significativas, determinadoras de uma revolução decisiva na história da Igreja.

Em 23 de Agosto de 430, Agostinho veio a falecer após a cidade de Hipona ser invadida por vândalos, despedindo-se, portanto, da “cidade dos homens”, considerada por ele, pecaminosa e das trevas, e dando entrada na, por ele chamada, “cidade de Deus”. Deixou, no entanto, uma obra de pensamentos que reinaria no Ocidente cristão, até que surgissem novos filósofos e novas concepções acerca da fé.

Toda doutrina e pensamento de Agostinho surgem após uma base sólida que se deu, a partir dos acontecimentos e experiências vivenciadas. A conversão à fé Cristã abriu um horizonte de perspectivas e correções fundamentadas na Verdade. A fé adquirida, defendida e professada foi de grande relevância para os caminhos trilhados após a conversão.

Agostinho escreveu diversas obras, inspiradas em problemas cotidianos da Igreja e da fé católicas. Uma vasta produção literária, composta de obras de caráter filosófico, teológico, escritos exegéticos polêmicos e conflitos vivenciados por ele. Entretanto, dentre todas as obras, *Confissões* destaca-se como a mais significativa. Nela, Agostinho analisa problemas psicológicos e filosóficos, tendo como foco os mistérios da alma e do homem interior.

No artigo, “A Atualidade das Confissões de santo Agostinho”, o autor Sérgio Ricardo Strefling, frisa a importância da obra para a literatura moderna:

Ainda que muitas obras pretendam merecer o título de ser a primeira obra literária “moderna”, as *Confissões* embasam seu direito a esse título pelo fato de ser a primeira obra que explora extensamente os estados interiores da mente humana e a relação mútua existente entre a graça e a liberdade, que são temas dominantes na história da filosofia e da teologia ocidentais (STREFLING, 2007, p. 260).

Suas obras ultrapassaram os limites do pensamento da época e influenciam até os dias atuais, tanto no âmbito cultural, quanto no religioso.

Entre as obras de caráter filosófico, destacam-se, *Contra os acadêmicos*, *A vida feliz*, *A ordem*, *Os solilóquios*, *A imortalidade da alma*, *A quantidade da alma* e *O mestre e a música*.

Sua principal obra teológica e dogmática é a *A trindade*. A doutrina da Trindade é um dos marcos da fé cristã, a obra é carregada de ricos pensamentos e ideias. Segundo Agostinho, a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, são três pessoas distintas e não diversas, pois Deus é uno e trino, a relação entre os três é real e eterna.

Daquilo em que devemos crer, não duvidemos por nenhuma falta de fé; daquilo que devemos compreender, nada afirmemos temerariamente: no primeiro caso, havemos de nos manter fiéis à autoridade; no segundo, havemos de procurar a verdade. Quanto à questão presente, acreditemos que o Pai e o Filho e o Espírito Santo são um só Deus, que criou e governa todas as coisas; que o Pai não é o Filho, e que o Espírito Santo não é o Pai nem o Filho, mas são Trindade de Pessoas em relação mútua, e são unidade na igualdade da essência (AGOSTINHO, 2008, p. 42).

É importante salientar que, em todas as obras, Santo Agostinho busca entender e explicar os momentos por ele vivenciados. A sua vida, portanto, exerceu papel fundamental na elaboração do seu pensamento, é a partir dela que ele busca a compreensão do homem, do seu meio e o seu interior.

No artigo “A Educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento”, Souza e Pereira Melo, ressaltam a importância da vida e da obra de Santo Agostinho:

A compreensão da vida de Santo Agostinho é importante, tendo em vista a influência que ela exerceu em seu pensamento e em sua obra, já que a crença de que foi arrancado de uma vida pecaminosa com a ajuda de Deus contribuiu em suas afirmações acerca da necessidade da graça para que o homem pudesse se reerguer. Como considerava ter vivido os mais diversos pecados da carne, desconfiava da sensibilidade humana, pois conhecia a fragilidade do corpo. É a partir disso que propunha que o homem se afastasse de sua materialidade e se voltasse para seu interior, para que pudesse encontrar o verdadeiro conhecimento e, com isso, a felicidade (SOUZA; PEREIRA MELO, 2009, p. 2457).

Partindo do exposto acima, segundo Agostinho, o homem seria, sobretudo um ser pensante, e para se encontrar, este deveria desvencilhar-se de sua materialidade e voltar-se para o seu interior, sua alma, onde é possível encontrar a por ele chamada “Verdade”.

A fé Cristã de Agostinho e a igreja foram fundamentais na sua mudança de vida, bem como, abriram os horizontes e caminhos para sua própria reflexão e pensamento acerca das atitudes e vivências humanas, eis que passou a filosofar na fé.

2. A filosofia agostiniana

O pensamento e as reflexões agostinianas impressionam até os dias atuais, sobretudo, as reflexões acerca do homem interior. Agostinho foi o principal filósofo e teólogo da Patrística², amadurecendo o pensamento dos padres gregos sobre a filosofia cristã, com isto, desenvolveu seu trabalho com a união entre fé e razão.

A fé é o principal caminho para compreendê-lo, pois esta foi a substância de sua vida e pensamento. As Escrituras Sagradas são fundamentais para o acesso à verdade eterna, que, segundo Agostinho, devemos procurar com o afeto da mente, pois essa não busca a si própria, a fé é iluminada pela razão e vice-versa, uma não substitui a outra, ambas são necessárias e complementares. Agostinho frisa que, Deus tem papel primordial em toda criatura humana, mas quem é Deus para Agostinho?

Perguntei-o à terra e disse-me: “ Eu não sou”. E tudo o que nela existe respondeu-me o mesmo. Interroguei o mar, os abismos e os répteis animados e vivos e responderam-me: “Não somos o teu Deus; busca-o acima de nós”. Perguntei aos ventos que sopram; e o ar, com os seus habitantes, respondeu-me: “Anaxímenes está enganado; eu não sou o teu Deus”. Interroguei o céu, o Sol, a Lua, as Estrelas e disseram-me: “Nós também não somos o Deus que procuras”. Disse a todos os seres que me rodeiam as portas da carne: “Já que não sois o meu Deus, falai-me do meu Deus, dizei-me, ao menos, alguma coisa d’Ele”. E exclamaram com alarido: “Foi Ele quem nos criou”. (AGOSTINHO, 1999, p. 264).

Deus é o criador de todas as coisas, e para atingir a iluminação divina, o homem não pode fazer uso somente da razão ou simplesmente da fé, pois a fé sem razão torna-se cega e a razão sem fé torna-se rígida, fria. Aquele que busca a Deus

² Segundo Abbagnano, “Indica-se com este nome a filosofia cristã dos primeiros séculos. Consiste na elaboração doutrinal das crenças religiosas do cristianismo e na sua defesa contra os ataques dos pagãos e contra as heresias” (ABBAGNANO, 1999, p. 746).

somente através da razão, por mais correto que seja, acaba cometendo pecados. O conhecimento verdadeiro provém da iluminação divina, porém o homem deve possuir um intelecto de sua própria personalidade, como afirma Agostinho,

A iluminação divina, contudo não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa o verdadeiro; a iluminação teria apenas a função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus (AGOSTINHO, 1999, p. 17).

É importante frisar que, segundo Agostinho é a luz divina que ilumina a razão, e esta provém de Deus, o soberano, que atua no homem tornando possível o conhecimento das verdades eternas.

O problema do mal na concepção de Santo Agostinho, é que ele provém do homem por causa do livre-arbítrio, é este que nos leva muitas vezes a cometer erros, pois mesmo conhecendo o correto, não estamos libertos de nossos instintos inferiores. A liberdade se dá efetivamente com o domínio integral de nossos desejos e vontades, o conhecimento de si mesmo é, portanto, a ferramenta fundamental para a plena liberdade. A vontade é a mais importante faculdade humana, é ela que constitui o centro de nossa personalidade, eis a maior ferramenta que pode nos afastar de Deus e nos aproximar do mal, aí reside a fonte de todos os pecados.

Segundo Agostinho todas as coisas criadas por Deus são boas e não são incorruptíveis, porém, podem ser privadas de algum bem, pois se fossem privadas de todo o bem, deixariam de existir,

Por isso, se são privadas de todo o bem, deixarão totalmente de existir. Logo, enquanto existem são boas. Portanto, todas as coisas que existem são boas, e aquele mal que eu procurava não é uma substância, pois, se fosse substância, seria um bem. Na verdade, ou seria substância incorruptível, e então era certamente um grande bem, ou seria substância corruptível, e, nesse caso, se não fosse boa, não se poderia corromper (AGOSTINHO, 1999, p. 187).

Diante do exposto acima, é importante ressaltar que, segundo Agostinho, todas as coisas existentes foram criadas por Deus e não existe nenhuma substância que não seja criada por ele, porém, não são todas idênticas, alguns elementos se diferem e tudo aquilo que é o mal, é contrário aos ensinamentos do Criador,

Procurei o que era maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma *perversão da vontade desviada da substância suprema* – de Vós, ó Deus- e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência (AGOSTINHO, 1999, p. 190, grifos do autor).

O princípio fundamental da Teologia de Santo Agostinho é que, alcançando a verdade, alcançaremos a Deus, e seremos seres divinamente iluminados. Deus tudo penetra, Ele está em todas as coisas e Jesus Cristo é o caminho para os homens irem ao encontro Dele, pois Ele é a fonte de toda verdade, ele é a Verdade, o Bem, o Supremo, a máxima perfeição, o único e verdadeiro ser,

Buscava um meio para me prover de forças a fim de ser apto para gozar-Vos, mas não o encontraria, enquanto não abraçasse “o Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo Homem Deus bendito por todos os séculos, que está acima de todas as coisas”. Ele chamava-me e dizia: “Sou o caminho, a Verdade e a Vida”. Eu também devia crer que o Alimento que era incapaz de tomar se uniu à carne, pois “o Verbo se fez homem”, para que a Vossa Sabedoria, pela qual criastes tudo, se tornasse o leite da nossa infância. (AGOSTINHO, 1999, p. 192).

É importante, viver na retidão, buscar os ensinamentos divinos, controlar o livre arbítrio, e sermos prudentes, pois o homem é um ser carregado de mistérios, e o verdadeiro mistério não é o mundo em que vivemos, mas sim, o nosso mundo interior, pois é no interior que se encontra a essência humana, é na alma que está toda a verdade. A verdade é encontrada no eu interior, ela é algo conquistado por aqueles que raciocinam. A alma é superior e independe do corpo humano, é ela que atua sobre ele, e é o caminho para a aproximação com Deus, ao aproximar-se de Deus o homem encontra a verdadeira felicidade.

Ao conhecer a alma, o homem faz uma viagem para o conhecimento de si mesmo, descobrindo o ser, a verdade, o amor e o bem existente dentro de si e oriundos do ser essencial. Deus, pois, é somente a alma capaz de fazê-lo chegar ao verdadeiro conhecimento. Tudo aquilo que é do Bem, provém de Deus, só a graça divina salva e liberta do mal, devemos amá-lo acima de todas as coisas, e buscá-lo em todos os momentos,

Que amo eu, quando Vos amo? Não amo a formosura corporal, nem a glória temporal, nem a claridade da luz tão amiga destes meus olhos, nem as doces melodias das canções de todo o gênero, nem o suave cheiro das

flores, dos perfumes ou dos aromas, nem o maná ou o mel, nem os membros tão flexíveis aos abraços da carne. Nada disto amo, quando amo o meu Deus. E, contudo, amo uma luz, uma voz, um perfume, um alimento e um abraço, quando amo o meu Deus, luz, voz, perfume e abraço do homem interior, onde brilha para a minha alma uma luz que nenhum espaço contém, onde ressoa uma voz que o tempo não arrebatou, onde se exala um perfume que o vento não espargiu, onde se saboreia uma comida que a sofreguidão não diminuiu, onde se sente um contato que a saciedade não desfaz. Eis que amo, quando amo o meu Deus (AGOSTINHO, 1999, p. 264).

É em Deus que se deleitam os retos e justos, ao conhecer a si mesmo e buscar a verdade, o homem vai de encontro ao supremo, aquele que ilumina o coração humano, é na alma que devem encontrar-se todas as substâncias providas do bem, mas o que é então a alma para Agostinho?

Dirigi-me, então, a mim mesmo, e perguntei-me: “E tu, quem és?” “Um homem”, respondi. Servem-me um corpo e uma alma; o primeiro é exterior, a outra interior. Destas duas substâncias, a qual deveria eu perguntar quem é o meu Deus, que já tinha procurado com o corpo, desde a terra ao céu, até onde pude enviar, como mensageiros, os raios dos meus olhos? À parte interior, que é a melhor. Na verdade, a ela é que os mensageiros do corpo remetiam como a um presidente ou juiz, as respostas do céu, da terra e de todas as coisas que neles existem, e que diziam: “Não somos Deus; mas foi Ele quem nos criou”. O homem *interior* conheceu esta verdade pelo ministério do homem *exterior*. Ora, eu, homem interior – alma -, eu conheci-a também pelos sentidos do corpo. Perguntei pelo meu Deus à massa do Universo, e respondeu-me: “Não sou; mas foi Ele quem me criou”. (AGOSTINHO, 1999, p. 265, grifos do autor).

Agostinho considera o homem interior como a imagem de Deus e da Trindade, Deus tem o poder de espalhar-se na alma, partindo pela tríade ser, conhecer e amar, toda esperança encontra-se em Deus. Ele é o ser puro capaz de transmitir o ser às outras coisas, ele nos ilumina como verdade e nos atrai dando paz e amor.

A Teologia da Trindade de Santo Agostinho é explicada considerando-a como o amor. Ele parte da diferenciação de coisas distintas e não diversas, o amor, o amado, e o que ama,

Assim sendo, atentemos nestas três coisas que julgamos ter descoberto. Não falamos ainda do divino, não falamos ainda de Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, mas desta imagem imperfeita, todavia imagem, ou seja, do homem; ela é olhada de modo mais familiar e talvez mais fácil pela fraqueza da nossa mente. Ora, quando eu, que me entrego a esta investigação, amo alguma coisa, há três coisas: eu, aquilo que eu amo e o próprio amor. Efectivamente eu não amo o amor se não amar aquele que ama, pois não

há amor onde nada é amado. Há, portanto, três coisas: aquele que ama, aquilo que é amado e o amor. Que acontece se eu apenas me amar a mim mesmo? Não haverá só duas coisas: aquilo que eu amo e o amor? Efectivamente aquele que ama e aquilo que é amado são a mesma coisa, quando alguém se ama a si próprio, assim como, quando alguém se ama a si mesmo, amar e ser amado é do mesmo modo a mesma coisa. De facto, refere-se duas vezes a mesma coisa quando se diz: 'ama-se', e 'é amado por si mesmo'. Neste caso, não são coisas distintas amar e ser amado, como não são distintos o que ama e o que é amado. Quando na verdade o amor e aquilo que é amado são duas coisas. Efectivamente, amar-se alguém a si mesmo não é amor, excepto quando é amado o próprio amor. Pois uma coisa é amar-se a si, outra é amar o seu amor. De facto, o amor não é amado se não ama já alguma coisa, porque, onde nada é amado, não existe amor. Por isso, quando alguém se ama, há duas coisas: o amor e aquilo que é amado; então aquele que ama e aquilo que é amado são uma só coisa. Daí não parecer consequente que, onde houver amor, se pressupõem três coisas. (AGOSTINHO, 2008, p. 43).

Partindo do exposto acima, ressalta-se que, a Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, são três pessoas distintas e não diversas, pois Deus é uno e trino, todas as coisas criadas apresentam unidade, forma e ordem. O Pai é a essência divina, o Filho é a razão através do qual o Pai manifesta-se, o Espírito Santo é a força ativa que Deus utiliza para dar vida a tudo e a todos, pois ele é o criador de todos os seres e de todas as matérias.

Agostinho afirma a existência de duas cidades a Cidade Terrena e a Cidade de Deus, a cidade Terrena é aquela que se vive segundo o homem, em que o amor deve ser voltado para os homens e as coisas em função de Deus, pois o homem bom ama aquilo que deve amar, a cidade Divina é aquela que se vive segundo Deus, respeitando seus ensinamentos, vivendo eternamente no bem.

3. A obra *Confissões*

Confissões de Santo Agostinho é uma de suas principais obras, intensa em detalhes e significados, sendo a sexta obra escrita pelo filósofo, após tornar-se Bispo de Hipona. É perceptível em *Confissões*, a dualidade existente entre felicidade e misericórdia divina, ambas interligadas aos acontecimentos por ele vivenciados.

Em *Confissões*, Agostinho confessa seus pecados, sua fé e o louvor ao Soberano. Os acontecimentos de sua vida pessoal, as transições religiosas, a busca pela verdade e a atenção voltada ao homem interior, são os seus principais temas. Ressalta-se por oportuno, que a obra em epígrafe, tem como foco, a descrição dos

momentos mais importantes vivenciados por Agostinho, bem como, a felicidade encontrada a partir dos ensinamentos cristãos.

Na obra, Agostinho, instiga a busca pela verdade, direciona-se e abre o seu coração a Deus, fonte única de sabedoria, misericórdia e esperança,

Ninguém se deve ter por seguro nesta vida que toda ela se chama tentação. Quem é que, sendo pior, não se pode tornar melhor, e de melhor descer a pior? Só há uma única esperança, uma única promessa inabalável: a vossa misericórdia (AGOSTINHO, 1999, p. .292).

Agostinho em *Confissões* declara todo o seu amor e admiração ao Divino, frisando que em todas as coisas exteriores, do corpo e dos sentidos, em todas as maravilhas existentes, buscou reduto para alma, mas só em Deus, foi possível encontrar,

Não era eu quem descobria estas maravilhas. É certo que as percorri a todas e tentei distingui-las e avalia-las no seu justo valor, tomando e interrogando os seres que traziam mensagens aos meus sentidos. Analisei outros seres que sentia unidos a mim e examinei as suas informações. Revolvia nos grandes tesouros da memória várias impressões, ora percorrendo umas, ora manifestando outras. Mas não era eu quem fazia tudo isso, nem era a força com que eu agia, a qual não éreis Vós, porque sois a luz imutável que eu consultava acerca da existência, da qualidade e do valor em todas estas coisas. Eu ouvia os vossos ensinamentos e as vossas ordens. Costumo fazê-lo muitas vezes, porque sinto nisso grande alegria. Sempre que, nos meus trabalhos de obrigação, posso dispor de algum descanso, refugio-me nestes prazeres. Entre todas estas coisas que percorro, depois de Vos consultar, só em Vós encontro um reduto para a minha alma. Nele se reúnem os meus pensamentos dispersos, e nada de mim se afasta de Vós (AGOSTINHO, 1999, p. 304).

Agostinho descreve sua infância e juventude, e a partir da observação das outras crianças que ele retrata, pois algumas de suas ações já haviam sido perdidas na casa da memória com o tempo. Ele demonstra as dificuldades das crianças em serem compreendidas,

A pouco e pouco ia reconhecendo onde me encontrava. Queria exprimir os meus desejos às pessoas que os deviam satisfazer e não podia, porque os desejos estavam dentro e elas fora, sem poderem penetrar-me na alma com nenhum dos sentidos. Estendia os braços, soltava vagidos, fazia sinais semelhantes aos meus desejos, os poucos que era possível esboçar, e que eu exprimia como podia. Mas eram inexpressivos. Como ninguém me obedecia, ou porque não entendiam ou porque receavam fazer-me mal, indignava-me com essas pessoas grandes e insubmissas, que, sendo livres, recusavam servir-me. Vingava-me delas, chorando. Reconheci que assim eram as crianças, como depois pude observar. Elas me informaram melhor, inconscientemente, daquilo que eu tinha sido então, do que as amas, com a sua experiência (AGOSTINHO, 1999, p. 42).

É importante ressaltar que, Agostinho cometeu diversos pecados durante a infância, sendo estes em sua maioria inconscientes, uma vez que ainda não conhecia os ensinamentos divinos. Dentre tais pecados encontram-se as doutrinas contrárias aos ensinamentos de Deus, os roubos cometidos, o pecado da carne e os jogos dos quais participara.

Ao conhecer a fé cristã, Agostinho renuncia todos os erros cometidos, conhece a verdade, e alegra-se na esperança divina, que segundo ele é a única fonte de felicidade existente,

Fazei que eu Vos conheça, ó Conhecedor de mim mesmo, sim, que Vos conheça como de Vós sou conhecido. Ó virtude da minha alma, entrai nela, adaptai-a a Vós, para a terdes e possuídes sem mancha nem ruga. É esta a esperança com que falo, a esperança em que me alegro quando gozo de uma alegria sã. Os outros bens desta vida tanto menos se deveriam chorar quanto mais os choramos; e tanto mais se deveriam chorar quanto menos os choramos. Mas Vós amastes a verdade, pelo que quem a pratica alcança a luz. Quero-a também praticar no meu coração, confessando-me a Vós, e nos meus escritos, a um grande número de testemunhas (AGOSTINHO, 1999, p.259).

Podemos frisar que na obra *Confissões*, além de confessar os erros e acontecimentos de sua vida, Agostinho busca atingir e incentivar todas as pessoas a conhecerem os ensinamentos divinos, para que se possa atingir a iluminação e tornarem-se seres carregados de verdade. Ele retrata não o que ele foi e sim o que ele é,

O fruto das minhas *Confissões* é ver, não o que fui, mas o que sou. Confesso-Vos isto, com íntima exultação e temor, com secreta tristeza e esperança, não só diante de Vós; dos que participam da mesma alegria, e como eu, estão sujeitos à morte; e enfim, diante dos que são meus concidadãos e peregrinam neste mundo; e enfim, diante dos que me precedem, me seguem ou me acompanham no caminho da vida. Estes são os vossos servos, os meus irmãos, aos quais constituístes vossos filhos e meus senhores. A eles me mandastes servir, se quisesse viver de Vós e convosco (AGOSTINHO, 1999, p. 262).

As *Confissões* agostinianas afirmam que somente Deus é sabedor e conhecedor, daquilo que se passa no interior, na alma humana, o corpo vive na alma e alma vive em Deus, e somente ele conhece todas as coisas, haja vista que todas as coisas existentes foram criadas por Ele, portanto, somente a Ele pertence a competência do julgar,

Vós, Senhor, podeis julgar-me, porque ninguém “conhece o que se passa num homem, senão o seu espírito, que nele reside”. Há, porém, coisas no

homem que nem sequer o espírito que nele habita conhece. Mas Vós, Senhor, que o criastes, sabeis todas as suas coisas. Eu, ainda que diante de Vós me despreze e me tenha na conta de terra e cinza, sei de Vós algumas coisas que não conheço de mim. “Nós agora vemos como por um espelho, em enigma, e não ainda face a face”. Por isso, enquanto peregrino longe de Vós, estou mais presente a mim do que a Vós. Sei que em nada podeis ser prejudicado, mas ignoro a que tentações posso ou não posso resistir. Todavia, tenho esperança, porque sois fiel e não permitis que sejamos tentados acima das próprias forças. Com a tentação, dai-nos também os meios para a podermos suportar. (AGOSTINHO, 1999, p. 263).

Em *Confissões* Agostinho ressalta a importância da vida feliz, baseada no conhecimento e na fé, a liberdade humana deve ser capaz de fazer com o homem compreenda e aprenda a discernir as coisas boas das ruins, afim de que se possa alcançar a felicidade eterna que só é possível através do conhecimento divino,

Longe de mim, Senhor, longe do coração deste vosso servo, que se confessa a Vós, o julgar-se feliz, seja com que alegria for. Há uma alegria que não é concedida aos ímpios, mas só àqueles que desinteressadamente Vos servem: essa alegria sois Vós. (AGOSTINHO, 1999, p. 281).

Ressalta-se por oportuno, que o louvor e a felicidade para Agostinho, de certo modo, estão ramificados, uma vez que a felicidade verdadeira só é encontrada, quando louvamos e buscamos a Deus, com a alma e com o coração,

A vida feliz consiste em nos alegrarmos em Vós, de Vós e por Vós. Eis a vida feliz, e não há outra. Os que julgam que existe outra apegam-se a uma alegria que não é verdadeira. Contudo, a sua vontade jamais se afastará de alguma imagem de alegria... (AGOSTINHO, 1999, p. 282).

A obra *Confissões* vai ao encontro das dúvidas, tensões, dramas, problemas e momentos vivenciados pelo homem da atualidade, ultrapassando assim, todos os limites de épocas. O seu conteúdo atinge de maneira singular a todos os indivíduos, incentivando-os a viverem em busca da plena felicidade.

4. O tempo e a eternidade em Santo Agostinho

No livro XI de *Confissões*, Agostinho discute a questão do tempo e da eternidade, e frisa que a temporalidade está totalmente ligada ao homem, ele faz uma análise sobre a questão do tempo, levando em conta o aspecto psicológico. Afirma que, sem a existência de Deus criador de todas as coisas e do Verbo de Deus, seria impossível pensar a questão da temporalidade, pois Deus é eterno e

não depende do tempo para existir, a eternidade é maior que o tempo, ela não passa, é eterna.

O que fazia Deus antes de criar o céu e a terra? O que é o tempo? São questionamentos feitos por Agostinho, no livro XI de *Confissões*. Segundo ele, todas as criaturas, coisas materiais, artistas, louvam ao soberano como criador de tudo e mais uma vez questiona a maneira como Deus fez e criou todas as coisas,

Todas estas criaturas Vos louvam como o Criador de tudo. Mas de que modo as fazeis? Como fizestes, meu Deus, o céu e a terra? Sem dúvida, não fizeste o céu e a terra no céu ou na terra, nem no ar ou nas águas, porque também estes pertencem ao céu e a terra. Nem criastes o Universo no Universo, porque, antes de o criardes, não havia espaço onde pudesse existir. Nem tínheis à mão matéria alguma com que modelásseis o céu e a terra. Nesse caso, de onde viria essa matéria que Vós não criáveis e com a qual pudésseis fabricar alguma coisa? Que criatura existe que não exija a vossa existência? (AGOSTINHO, 1999, p. 315).

Agostinho explica que Deus criou tudo através do Verbo, através da palavra pronunciada tudo passou a existir. O princípio de todas as coisas é a criação, e tais coisas foram criadas por um único ser que é eterno. A vontade de Deus não é uma criatura, ela existe antes de qualquer criação, nada seria criado se não existisse a vontade de Deus em criá-las. O Verbo é imortal, para Deus não existe diferença entre dizer e criar, enfim, o Verbo é o Princípio de tudo,

Assim nos convidais a compreender o Verbo, Deus junto de Vós, que sois Deus. O qual é pronunciado por toda eternidade e no qual tudo é pronunciado eternamente. Nunca se acaba o que estava sendo pronunciado nem se diz outra coisa para dar lugar a que tudo se possa dizer, mas tudo se diz *simultânea* e *eternamente*. Se assim não fosse já haveria tempo e mudança, e não a verdadeira eternidade e verdadeira imortalidade (AGOSTINHO, 1999, p. 316).

Diante do exposto, é possível afirmar que, não existia um tempo antes da criação, e que o tempo e todas as coisas não são eternas, mesmo sendo criadas por um ser que é eterno, o momento da criação é o momento em tudo e todas as coisas passam a existir.

O Filósofo da Patrística utiliza-se das razões seminais para explicar a existência das criaturas, segundo ele todas as coisas surgiram do nada, algumas completas outras não, porém todas são evolutivas, estão em constante transformação.

Sendo Deus eterno e criador de todas as coisas, o que seria então o tempo e a eternidade? O tempo não pode medir a eternidade, pois na eternidade tudo permanece nada passa, tudo é um eterno presente, ela está acima de todo o tempo, e o tempo não é todo presente, o tempo é sentido e medido pelo homem e a eternidade é provinda Daquele que é eterno, Deus.

Agostinho explica a aporia do ser e do não-ser do tempo, a partir do Tríplice Presente, da intenção e da distensão da alma humana. O tempo é tratado por ele de maneira poética, é um tempo que se mede no interior humano, tempo e alma encontram-se interligados.

O tempo existe no espírito humano, é nele que se encontram o passado, o presente e o futuro,

De que modo existem aqueles dois tempos - o passado e o futuro -, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade. Mas se o presente, para ser tempo, tem necessariamente de passar para o pretérito, como podemos afirmar que ele existe, se a causa da sua existência é a mesma pela qual deixará de existir? Para que digamos que o tempo verdadeiramente existe, porque tende a não ser? (AGOSTINHO, 1999, p. 322).

Diante do exposto, Agostinho chama de “longo” o tempo Passado que antecede ao Presente, por exemplo, cem anos, e o tempo Futuro que é posterior ao Presente também cem anos. O tempo “breve” é visto por ele, como um passado próximo “há dez dias”, e um futuro próximo “daqui a dez dias, diante disso questiona que,

Onde existe portanto o tempo que podemos chamar longo? Será o futuro? Mas deste tempo não dizemos que é longo, porque ainda não existe. Dizemos: “será longo”. E quando será? Se esse tempo ainda agora está para vir, nem então será longo, porque ainda não existe nele aquilo que seja capaz de ser longo. Suponhamos que, ao menos, no futuro será longo. Mas só o poderá começar a ser no instante em que ele nasce desse futuro – que ainda não existe - e se torna tempo presente, porque só então possui capacidade de ser longo. Mas com as palavras que acima deixamos transcritas o tempo presente clama que não pode ser longo (AGOSTINHO, 1999, P.324).

É importante ressaltar que, passado e futuro são medidos no presente, estes três tempos existem e são medidos na mente humana, somos permeados por ele, o tempo e o homem são criaturas, logo, diferem do Divino. O tempo não é o movimento dos corpos, há visto que, os corpos só podem mover-se no tempo,

quando um corpo se move, é com o tempo que medimos a duração deste movimento.

Ainda que não se possa medir o tempo, o ser humano insiste em medi-lo a todo instante, percebemos os intervalos existentes entre os tempos, comparamos os anos entre longos e breves, o tempo entre curto e longo. No entanto, a nossa vida é caracterizada por um único tempo chamado Presente.

É no presente que as coisas acontecem, sendo este um tempo que sofre modulações, e se transforma, mas este também não é eterno, pois se fosse eterno não seria considerado tempo, é a partir dele, que nos remetemos ao passado que já se foi e esperamos o futuro que ainda está por vir. Santo Agostinho caracteriza o tempo Presente, como um Triplo Presente, ou seja, o tempo presente é um tempo que se divide em Presente do Passado, Presente do presente e Presente do Futuro.

O Presente do Passado é a memória, é a lembrança, são os vestígios de acontecimentos passados que se encontram impregnados em nossa alma. O Presente do Presente é o agora, é o exato momento em que todas as coisas acontecem, é um tempo que se vai rapidamente, que se volta ao passado e logo se torna passado. O Presente do Futuro é a espera, é a esperança, a expectativa. Podemos prever o futuro porque vivenciamos acontecimentos passados, que se encontram presentes em nossa memória, ou seja, prevemos o futuro a partir das coisas passadas,

Quem, por conseguinte, se atreve a negar que as coisas futuras *ainda* não existem? Não está já no espírito a expectativa das coisas futuras? Quem pode negar que as coisas pretéritas *já* não existem? Mas está ainda na alma a memória das coisas passadas. E quem contesta que o presente carece de espaço, porque passa num momento? Contudo, a atenção perdura, e através dela continua a retirar-se o que era presente. Portanto o futuro não é um tempo longo, porque ele não existe: *o futuro longo é apenas a longa expectativa do futuro*. Nem é longo o tempo passado porque não existe, mas *o pretérito longo* outra coisa não é senão *a longa lembrança do passado*. (AGOSTINHO, 1999, p. 337).

O tempo é a distensão da alma humana. É tal distensão que permite a existência do passado e do futuro no presente. O tempo é a extensão da própria alma humana, ele é um instante indivisível, que não pode ser medido. Na memória existe papel fundamental na medida do tempo, é ela que nos faz resgatar os acontecimentos que já se foram, e expectar os acontecimentos que ainda virão. As lembranças ultrapassam qualquer medida de tempos, e a partir delas podemos

comparar os intervalos existentes, para assim, caracterizá-los como breves ou longos,

Em ti, ó meu espírito, meço os tempos! Não queiras atormentar-me, pois assim é. Não te perturbes com os tumultos das tuas emoções. Em ti, repito, meço os tempos. Meço a impressão que as coisas gravam em ti à sua passagem, impressão que permanece, ainda depois de elas terem passado. Meço-a a ela enquanto é presente, e não àquelas coisas que se sucederam para a impressão ser produzida. É a essa impressão ou percepção que eu meço, quando meço os tempos. Portanto, ou esta impressão é os tempos ou eu não meço os tempos (AGOSTINHO, 1999, p.336).

É o tempo presente que se distende, e desloca-se ao passado através da lembrança, e ao futuro através da espera. Nem o ano, nem o dia é todo presente, são os vestígios existentes em nossa alma, que fazem com que, contemos as nossas histórias, a nossa vida, a memória reúne todos os fatos vivenciados e os anseios humanos, só somos capazes de fazermos nossa história a partir das ações realizadas em um momento que já se passou.

Portanto, podemos concluir que, antes de Deus criar todas as coisas, não existia nem o antes e nem o depois, estes surgiram a partir da consciência humana, é a partir desta que passamos a dividir e medir os tempos e esforçamo-nos para conhecer as coisas eternas e, no entanto, vivemos presos ao presente ao passado e ao futuro. Temporalidade e Eternidade continuam a ser um profundo mistério, ainda existente na atualidade, a primeira é governada pela segunda, e a segunda, porém, não é passado e nem futuro, é imóvel e, ainda assim, determina os acontecimentos futuros e passados.

CONCLUSÃO

Ainda que tentássemos visualizar nossas vidas, em único tempo chamado presente, seria impossível desvendarmos das fragmentações e modulações existentes neste tempo. Pois o passado é a nossa história, é nele que se encontram as nossas raízes e os acontecimentos que fizeram com que exista o presente, o agora. O futuro consiste nas expectativas do que ainda está por vir, ele ainda não existe, mas já faz parte da alma humana, é através dele que buscamos a verdade, é a partir dele que existe a capacidade de transformações humanas.

As fragmentações de um único tempo existem para diferenciar o criador da criatura, uma vez que, se o homem atingisse o conhecimento total de todas as coisas e da verdade, deixando de vivenciar um triplo presente, este já não seria mais criatura e sim criador, pois viveria na eternidade.

Enfim, somos seres humanos, nascemos, crescemos e com toda certeza morreremos, é a lei da vida, somos criação e o tempo pertence à criação, ambos são mutáveis, logo, um dia deixaremos de existir, mas não podemos deixar de ansiar e buscar as coisas eternas, Deus é a felicidade contínua que tanto ansiamos na temporalidade, vivenciamos as coisas terrenas, governados pelas coisas eternas, o hoje para o divino é uma constante eternidade.

Abstract: This present article has as main objective to highlight the importance of life, work and philosophy of St. Augustine, surpassing all limits and influencing times to the present day. His works and his philosophy are grounded in faith and reason. In the Book XI of Confessions, one of his major works, Augustine discusses the question of Time and Eternity, and he states that the question of temporality is tied to the man. He guides us to reflect on what is the time. We measure it at all times. We live with it every moment and it is yet unknown. Augustine explains the question of temporality using the triad, memory, intention and hopes, in which Past, Present and Future are modulations of a single time. The time is what it is just because we measure it. Otherwise, it would be eternity, and this just belongs to God who is eternal and the only omnipresent one.

Keywords: St. Augustine. Confessions. Time. Eternity. God.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. [Trad. Alfredo Bosi]. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

AGOSTINHO, S. **De Trinitate** – Livros IX e XIII. [trad. Arnaldo do Espírito Santo, Domingos Lucas Dias, João Beato, Maria Cristina Castro-Maia de Sousa Pimentel]. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

ANTISERI, D. e REALE, G. “Santo Agostinho e o apogeu da Patrística”. In: **História da Filosofia; Patrística e Escolástica**, v. 2. [Tradução Ivo Storniolo]. São Paulo: Paulus. 2003.

ORDEM DE SANTO AGOSTINHO. **Vicariato Agostiniano Nossa Senhora da Consolação do Brasil**. Disponível em:< <http://www.agostinianos.org.br/vida-e-obra>>. Acesso em: 05/04/2012.

PESSANHA, J. A. Os Pensadores: **Santo Agostinho**. [Tradução J. Oliveira Santos, S.J. e A.Ambrósio de Pina,S.J.]. São Paulo. 1999.

SOUZA, M.; PEREIRA MELO, J. J. **A Educação em Santo Agostinho: Processo de Interiorização na busca pelo conhecimento**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/1937_1302.pdf > Acesso em: 05/04/2012.

STREFLING, S. R. **A Atualidade das Confissões de Santo Agostinho**. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/2707/2058>> Acesso em: 05/04/2012.